

Patrimônio arquitetônico da Universidade Federal de Mato Grosso: obras inaugurais

Patrimonio arquitectónico de la Universidad Federal de Mato Grosso: obras inaugurales

Architectural heritage of the Federal University of Mato Grosso: the settling buildings

Ricardo Castor

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: rscastor@ufmt.br  orcid.org/0000-0002-9338-5426

Ana V. Frigeri

Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

E-mail: anavfrigeri@gmail.com  orcid.org/0000-0003-0121-7300

Maria Bárbara T. Guimarães

Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

Email mbtguimaraes@gmail.com  orcid.org/0000-0002-7277-8503

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar as obras arquitetônicas que marcaram a criação do primeiro campus universitário da cidade de Cuiabá, hoje pertencente à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A pesquisa consiste em descrever e caracterizar os projetos iniciais – Bloco Didático, Restaurante Universitário e Parque Aquático - e o plano diretor original da então Cidade Universitária de Cuiabá, criada pelo governo Pedro Pedrossian (1966-1970) e federalizada em 1970. Ao resgatar a história de construção do campus, espera-se demonstrar a relevância da sua arquitetura originária no processo de desenvolvimento urbano da capital mato-grossense e de modernização das práticas construtivas regionais, visto que a sua construção representou um marco na expansão urbana de Cuiabá, tanto no processo de renovação quanto na produção arquitetônica do Estado. A problemática do trabalho deriva do desconhecimento e conseqüente desvalorização do legado da arquitetura moderna em Mato Grosso, agravados pela necessidade de preservação do seu acervo, haja vista a recorrente descaracterização dos edifícios do período. O resgate da história de construção do campus busca o reconhecimento e a preservação do patrimônio moderno mato-grossense, expondo seu contexto de origem, suas influências e repercussões em nível regional e nacional.

Palavras-chave: Arquitetura moderna – Mato Grosso; Arquitetura moderna – Cuiabá; Campus universitário; Campus UFMT; Edifícios para educação; Preservação do patrimônio moderno. Oscar Niemeyer.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar las obras arquitectónicas que marcaron la creación del primer campus universitario de la ciudad de Cuiabá, hoy perteneciente a la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT). La investigación consiste en describir y caracterizar los proyectos iniciales - Bloco Didático, Restaurante Universitario y Parque Acuático - y el plan director original de la entonces Ciudad Universitaria de Cuiabá, creada por el gobierno Pedro Pedrosian (1966-1970) y federalizada en 1970. Al rescatar la historia de construcción del campus, se espera demostrar la relevancia de su arquitectura originaria en el proceso de desarrollo urbano de la capital de Mato Grosso y de modernización de las prácticas constructivas regionales, ya que su construcción representó un marco en la expansión urbana de Cuiabá, tanto como proceso de renovación como en la producción arquitectónica del Estado. La problemática del trabajo deriva del desconocimiento y consecuente desvalorización del legado de la arquitectura moderna en Mato Grosso, agravados por la necesidad de preservación de su acervo, habida cuenta de la recurrente descaracterización de los edificios del período. El rescate de la historia de construcción del campus busca el reconocimiento y la preservación del patrimonio moderno de Mato-Grosso, exponiendo su contexto de origen, sus influencias y repercusiones a nivel regional y nacional.

Palabras clave: Arquitectura moderna – Mato Grosso.; Arquitectura moderna – Cuiabá; Campus universitario; Campus UFMT; Edificios para la educación; Preservación del patrimonio moderno. Oscar Niemeyer.

ABSTRACT

This article aims to build an analysis of the architecture on the first University Campus of Cuiabá, today Federal University of Mato Grosso. The paper describes the first buildings - Teaching Center, University Cafeteria and Aquatic Park - as well as the Master Plan of the then called University City of Cuiabá. The campus was created during the state administration of Pedro Pedrosian (1966-1970), and transferred to the federal government in 1970. By recovering the campus construction history, we hope to show the importance of its original architecture in the urban development process of Cuiabá and in the modernization of the local constructive practices. The construction represented a turning point in the urban expansion of the city, as well in the architectural renovation process in Mato Grosso's State. The main issue of this article shows the unawareness and discredit towards the modern architecture legacy in Mato Grosso. An architecture legacy aggravated by the need for preservation, considering the frequent disfigurement of buildings from this period. The research of the campus' original projects pursues the preservation and acknowledgement of the modern architectural heritage from Mato Grosso. As in a attempt to show its historical background, its influences and how it reflects in the regional and national scales.

Keywords: Modern architecture – Mato Grosso; Modern architecture – Cuiabá; University campus. Campus UFMT; Buildings for education; Modern heritage preservation. Oscar Niemeyer.

Introdução

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) foi criada em 1970 como um polo irradiador de ideias e experimentos capazes de promover o desenvolvimento do interior do Estado, com destaque para o até então inexplorado norte amazônico. Esse fato remete a um processo geopolítico mais amplo de integração do território nacional, que implicava impulsionar as fronteiras capitalistas da economia brasileira, ainda estacionadas em torno das grandes cidades da região sudeste, rumo à planície Amazônica. À luz das sucessivas políticas federais voltadas para a interiorização da economia nacional, da Era Vargas (1930-1945) ao regime militar (1964-1985), seria impossível separar o processo de criação da UFMT de obras do mesmo período voltadas para o desbravamento da floresta amazônica, como a abertura das estradas Cuiabá-Santarém (BR-163) e Transpantaneira, ou os diversificados programas de incentivo à colonização das terras devolutas ao longo dessas estradas.

A Amazônia representava, no início dos anos 1970, um imenso “vazio” nos mapas demográfico, econômico e rodoviário de um país que se queria pujante e coeso. Preenchê-lo era uma questão de

soberania nacional aos olhos da ditadura militar que investia no desbravamento do território amazônica sob o lema “Ocupar para não entregar” (SANTANA, 2009). A julgar pelo tom triunfalista do discurso oficial, tão evidente na imprensa mato-grossense da época, o paulatino avançar das frentes colonizadoras foi celebrado como sinônimo de progresso e desenvolvimento social.

Conhecida nos primeiros anos como Uniselva, a UFMT deveria suprir as demandas por ensino e pesquisa gerados por esses programas de expansão das fronteiras econômicas do país, atuando como centro de referência não apenas da Amazônia mato-grossense, mas também dos territórios do Acre e Rondônia. Mas a história de criação da UFMT tem outra face. Se os programas colonizadores então em curso miravam o futuro, cumpria compensar esse olhar com uma visada preservacionista, destinada a neutralizar seus efeitos deletérios sobre as riquezas históricas e naturais do território colonizado. Como explorar os tesouros do território amazônico sem sacrificar seu ecossistema? Como transformar a Cuiabá e outros núcleos de origem colonial em centros de apoio dessas investidas colonizadoras sem comprometer sua identidade histórica

e cultural? A resposta estava no projeto de criação da UFMT, que não deixa dúvidas quanto à sua dupla missão: fomentar a prosperidade futura e a manutenção das particularidades da geografia mato-grossense.

Em decorrência dessa declaração de respeito para com o meio, os primeiros cursos de graduação e pós-graduação ofertados pela instituição foram estruturados de acordo com as demandas por pesquisas e profissionais devotados ao meio-ambiente e à cultura mato-grossense. No que tange à valorização e divulgação da cultura artística regional, porém, o protagonismo recai sobre os dois principais e mais antigos museus da universidade, ambos ainda em atividade, ambos sensíveis ao valor da cultura vernácula: o Museu Rondon e Museu de Arte e Cultura Popular (MACP/UFMT).

O MACP foi criado em 1974 por um grupo de jovens artistas locais, sob a liderança da crítica de arte Aline Figueiredo, com o propósito de pesquisar, valorizar e divulgar a produção mais representativa da cultura regional, das raízes populares aos seus desdobramentos na cena contemporânea. Olhando simultaneamente para o passado e o

futuro de Mato Grosso, para dentro e para fora dos seus limites geográficos, o museu universitário fez história ao abrir caminho para a consagração internacional de artistas da terra, como Humberto Espíndola, Adir Sodré, Dalva de Barros e João Sebastião dos Santos, que devem sua fama à inspirada tradução artística das riquezas naturais e culturais do Estado. Com suas linguagens tocadas tanto pelo naïf quanto por tendências contemporâneas, tanto por temas regionais quanto pelo seu oposto, esses artistas se colocaram como uma ponte possível entre um antes e depois até então vistos como antitéticos, superando o fosso que o imaginário popular havia aberto entre um passado estigmatizado pelo atraso e um porvir identificado com o progresso a todo custo.

Num momento em que o avanço das frentes colonizadoras sobre a Amazônia ameaçava a sobrevivência de diversos povos nativos, o Museu Rondon surge como um guardião da cultura indígena, cujas manifestações se propunha a estudar e divulgar em nome da preservação. Com um acervo de mais de mil peças, o museu mantém laços estreitos com os grupos indígenas que sobreviveram às investidas da «civilização», motivo pelo qual ainda representa o principal centro

de conhecimento e exposição da cultura indígena de Mato Grosso. Está instalado no edifício do antigo Restaurante Universitário da UFMT, cuja arquitetura constitui um dos objetos centrais desta pesquisa. Ao lado do moderno edifício-sede foi erguida uma casa indígena, pelos próprios índios Bakairi, resultando numa aproximação entre o novo e o tradicional cujo contraste constitui o pano de fundo deste trabalho. Há poucos anos, a histórica sede do museu foi desfigurada, como veremos, por um projeto de reforma e ampliação. Compreender as implicações desse tipo de intervenção sobre o patrimônio da arquitetura moderna de Mato Grosso e chamar a atenção para as perdas que elas acarretam no caso do acervo arquitetônico da UFMT constitui o objetivo do presente estudo.

Como se pretende demonstrar, a arquitetura das obras iniciais do campus de Cuiabá deixa transparecer essa duplicidade de perspectiva que estaria na própria razão de ser da instituição de ensino para a qual foi projetada. Parte-se da hipótese de que o plano piloto do campus, os blocos mais antigos, notadamente o restaurante universitário e o conjunto de salas de aula expressam em sua arquitetura os ideais renovadores

propugnados pelos governos estaduais e federais que os financiaram. Presume-se, por outro lado, que uma série de fatores regionais acabaram por conferir um caráter único a esses projetos. Dentre esses fatores intervenientes, citam-se as dificuldades financeiras do Estado, os rigores do clima e as limitações de mão de obra e materiais industrializados. Para verificar essa hipótese, a pesquisa propõe-se a descrever as circunstâncias históricas, em nível estadual e nacional, que ensejaram essas obras, começando pelo programa político e educacional do governo responsável pela sua construção.

Essas considerações históricas serão seguidas por uma descrição e análise das qualidades urbanísticas e arquitetônicas das obras em estudo, considerando as referências e interferências incidentes sobre sua concepção. Essa etapa será apoiada em levantamento de fotos da época, em observações *in loco*, no redesenho das plantas e modelagem volumétrica conforme os projetos originais. Intercorrências durante o processo de construção serão considerados a fim de desvelar o significado de eventuais desvios em relação aos projetos.

A Disseminação da Arquitetura Moderna em Mato Grosso

Com suas duas faces opostas, a figura mitológica de Janus não seria descabida como alegoria do papel mediador encarado pela UFMT diante das polaridades e antagonismos que dividem histórica e geograficamente o território de Mato Grosso. O deus romano do destino, das passagens, das mudanças e das portas fornece uma imagem condizente com a epopeia da colonização pública e privada do norte do Estado, cujas transformações sociais e ambientais motivaram a criação da universidade.

A interligação rodoviária do Centro-Oeste às demais regiões do país e a abertura da rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), iniciada em 1973, viabilizaram os primeiros polos de desenvolvimento da região norte-mato-grossense: as cidades Lucas do Rio Verde, Sorriso, Colider, Juara, Sinop e Alta Floresta. A rodovia Cuiabá-Porto Velho (BR-364), asfaltada e prolongada no mesmo período, estimulou outros tantos núcleos de colonização privada, com destaque para Tangará da Serra e Comodoro. Nesse contexto, Cuiabá deixa de ser uma capital “fim de linha” para assumir sua condição de entroncamento viário,

transformando-se em ponto de apoio para os programas governamentais de desenvolvimento da região amazônica. Tornava-se, afinal, ponto de encontro das principais estradas de acesso às “terras virgens” do interior brasileiro. Aberto o caminho, as correntes migratórias fazem a população da capital disparar. Os habitantes de Cuiabá, que somavam 57.869 habitantes em 1960, verão esse número saltar para 100.865 em dez anos, para alcançar 212.984 em 1980.

Diante dos inevitáveis conflitos entre as transformações vindouras e o patrimônio preexistente, caberia aos pesquisadores da nova instituição universitária adotar uma postura tão ambivalente quanto a das primeiras representações artísticas do deus latino, que exibiam um rosto jovem, imberbe, mirando o futuro, contraposto a outro, de aparência senil, devotado ao passado. O passado em Mato Grosso, com efeito, exigia atenção. Na época da construção do campus, o território mato-grossense ainda englobava o atual Estado de Mato Grosso do Sul, desmembrado em 1977. A porção sul daquele antigo território indiviso foi favorecida economicamente, em boa medida, pela fertilidade do solo e sua proximidade com o estado de São Paulo, de um lado, e com os países do

Cone Sul, de outro. O comércio com as nações vizinhas foi beneficiado pela navegabilidade dos rios da bacia platina, enquanto as trocas com o Sudeste brasileiro o foram pela construção no início do século XX da estrada de ferro Noroeste do Brasil, entre Bauru, no interior de São Paulo, e o distrito sul-mato-grossense de Porto Esperança.

Quanto à metade norte do antigo Estado, teve seus primeiros rasgos de modernização arquitetônica durante a fase ditatorial do governo Getúlio Vargas conhecida como Estado Novo (1937-1945). As obras oficiais implantadas pelo intendente Júlio Müller na capital mudaram a fisionomia da cidade e introduziram novos padrões construtivos e linguagens arquitetônicas, com domínio do art déco e do neocolonial. Entre os legados dessa fase estão o Grande Hotel, o Cine Teatro, o Palácios da Justiça, a Secretaria Geral, o Colégio Estadual e a própria avenida que os une, significativamente batizada de Getúlio Vargas.

Os anos 1960 foram particularmente danosos para a memória histórica dos mato-grossenses. É o que sugere a construção do Palácio Alencastro (1959-1961), sede do governo estadual, sobre os des-

troços de um conjunto de casarões do centro histórico de Cuiabá. Projetado com traço modernista pelos arquitetos Benjamin Carvalho de Araújo e Karl Sass, do Rio de Janeiro, o edifício de sete pavimentos sobre pilotis foi o primeiro a romper o tecido antigo da cidade, afirmando-se como um volume autônomo. Acelerado durante a construção de Brasília, esse movimento renovador foi impulsionado de forma decisiva pelas obras oficiais do governo Pedro Pedrossian (1966-1971). Seu ambicioso programa de investimentos visava mergulhar Mato Grosso na febre desenvolvimentista que varria o país. Pedrossian comprometeu-se a “quebrar as velhas estruturas” que emperravam o avanço do Estado. Como um “Juscelino de Mato Grosso” (ARINE, 2006), valeu-se da linguagem arquitetônica para afirmar um sonho político e cativar o eleitorado. Começou empreendendo uma reforma administrativa no intuito de agilizar as que se seguiriam nas áreas de infraestrutura. Surge daí a Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso (CODEMAT) com quadro técnico de aproximadamente 150 profissionais provenientes de diferentes regiões do país. Em julho de 1966, une-se a eles o arquiteto paulistano Oscar Arine (1932-2014), diplomado em 1964 pela Univer-

sidade de São Paulo (USP), que logo se destacaria à frente das pioneiras realizações do Departamento de Obras Públicas do Estado.

Diante da urgência de se construir, simultaneamente, sete centros educacionais, repassa os projetos a sete equipes diferentes compostas, em sua maioria, por jovens egressos da Universidade de São Paulo. No Ginásio de Anastácio, projetado por Motoi Tsubouchi os pilares prolongam-se na forma de paletas externas, acumulando funções de brise-soleil, quando não de dramatização dos esforços estruturais. O concreto aparente ficou restrito às calhas apoiadas em singelos e variados anteparos de alvenaria branca. A elegância da planta

decorria da eficiente simplicidade do partido.

Quanto às escolas maiores construídas por Pedrossian, foram concebidas para terrenos e programas específicos, não seguindo quaisquer padrões ou esquemas predeterminados. As características que unem esses projetos, inclusive no que se refere às preexistências urbanas, estão bem sintetizadas na Escola Estadual Nilo Póvoas, construída em Cuiabá segundo projeto dos arquitetos paulistanos Haron Cohen e Raymundo de Paschoal (Figura 1).

O projeto tira partido da localização privilegiada em um terreno de alta significação histórica, no topo de uma ele-

Figura 1 - Haron Cohen e Raymundo de Paschoal: Centro Educacional em Cuiabá, década de 1960. Atual Escola Estadual Nilo Póvoas.
Fonte: Haron Cohen.



vação conhecida como Morro da Luz. O caimento do terreno foi explorado por meio de um sutil escalonamento, que distribuiu em três níveis o extenso programa funcional da escola, que se estendia, originalmente, da pré-escola ao ensino profissionalizante.

O projeto de Centro Educacional executado em Cáceres (Figura 2) e em Ponta Porã, segundo projeto dos arquitetos Júlio Yamazaki e Teru Tamaki, define um eixo transversal unindo a entrada principal ao ginásio esportivo semienterrado situado na extremidade oposta, passando por uma área coberta de eventos, levemente rebaixada no piso.

A cobertura composta de uma sucessão de abóbadas de concreto, com vãos diferenciados conforme o setor, reforça a unidade orgânica do conjunto. A estrutura é modulada nos dois sentidos, de modo que a largura do corredor central corresponde a duas vezes a das salas menores, cujo comprimento regula o dimensionamento dos blocos didáticos e dos jardins abertos entre eles. Essas áreas verdes trabalham junto com a cobertura arqueada das salas de aula, no sentido de favorecer a ventilação cruzada e a iluminação natural.



Figura 2 - Júlio Yamazaki e Teru Tamaki: Centro Educacional em Cáceres, década de 1960.
Fonte: Mato Grosso: um salto no tempo (1971).

A Cidade Universitária de Cuiabá

Uma cidade universitária em Campo Grande e outra em Cuiabá coroaram o programa de obras do Governo Pedrosian, na área de Educação. As instalações do Centro de Ciências Biológicas de Campo Grande, projetadas no final dos anos 1960 pelos arquitetos Sérgio Zaratín e William Munford, de São Paulo, estão na origem do atual campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

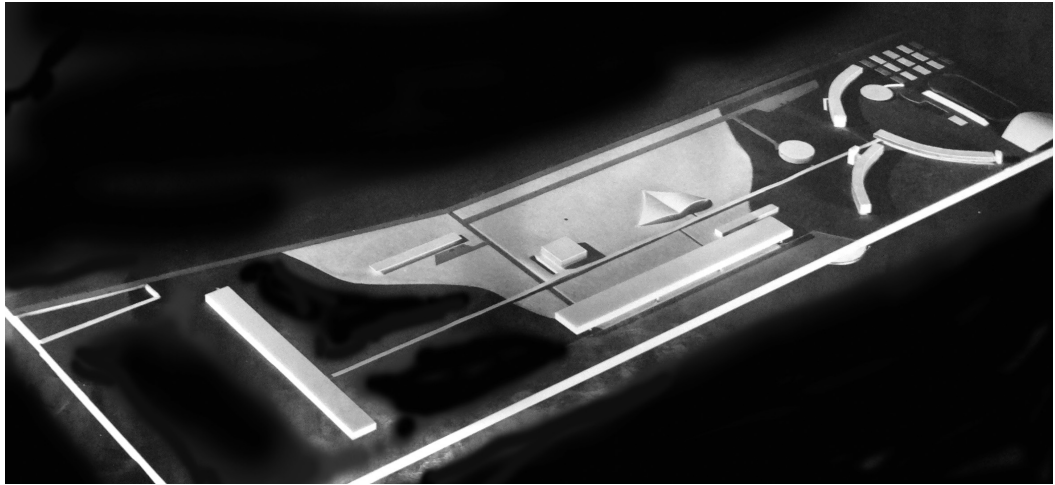


Figura 3 - Oscar Niemeyer: maquete do projeto para a Cidade Universitária de Cuiabá, 1969. Fonte: Gabriel Novis Neves.

Peças pré-fabricadas de concreto aparente compõem módulos quadrados passíveis de serem ordenados com liberdade em torno dos corredores, igualmente flexíveis e padronizados.

As peças de concreto que cobrem as salas seguem um desenho chanfrado. Durante a década de 1970, outros edifícios foram acrescentados ao campus: o teatro Glauber Rocha concebido por Armênio Arakelian, o Restaurante e o Hospital Universitário projetados por Oscar Arine e Armênio Arakelian e o Estádio de Futebol Governador Pedro Pedrossian ou simplesmente “Moreirão”, obra de Cyriaco Maymone Filho (ARRUDA, MARAGNO, COSTA, 1999).

O plano urbanístico do campus de Cuiabá teve trajetória mais acidentada. Inicialmente, o governo do Estado decidiu confiar a Oscar Niemeyer a

elaboração do projeto urbanístico do campus, reservado para um terreno de 76 hectares remanescente de uma antiga chácara situada no bairro Coxipó da Ponte, na zona sul da cidade. Se o anteprojeto apresentado em março de 1969 (Figura 3) tivesse sido executado, a então Universidade de Cuiabá teria muitas semelhanças com a de Constantine, na Argélia, concebida meses antes pelo arquiteto carioca.

As diferenças que distinguem o projeto cuiabano de Niemeyer podem ser explicadas, em parte, pelas particularidades do seu terreno. Seu perímetro apresenta forma aproximada de um retângulo disposto no sentido sudoeste-sudeste, com o lado menor voltado para a Avenida Fernando Corrêa, prolongamento da BR-364 e que demanda o Sul e Sudeste do país. A face noroeste corresponde a um fundo de vale, definido pelo córre-

go do Barbado e por um afluente que alimenta um açude junto ao limite setentrional do terreno. Dois talwegues bem marcados sulcam transversalmente o terreno, completando sua geografia consideravelmente acidentada nos dois sentidos. Situado na extremidade oposta, o Bloco de Ensino, pavilhão retilíneo sobre pilotis, corre paralelamente à passarela, que interliga ainda uma biblioteca de base quadrada, um auditório com cobertura abaulada de concreto e, na sequência, o restaurante universitário de configuração cilíndrica. Da guarita principal, voltada para um loteamento vizinho (Boa Esperança), parte um eixo viário que corta perpendicularmente a passarela de concreto e o Bloco de Ensino para alcançar a faixa de estacionamento que margeia o córrego do Barbado.

As formas aladas das cascas de concreto que cobrem o auditório remetem, mais uma vez, ao projeto de Constantine, mas a sua localização no terreno parece ter sido determinada pela topografia. As curvas de nível da planta de situação não deixam dúvidas de que a inclinação do piso do teatro coincidiria com uma depressão natural do terreno. A curvatura do restaurante universitário, por sua vez, ganharia destaque sobre um peque-

no promontório natural. Os prédios administrativos não assumem a forma de torre, tal como em Constantine, talvez por já ocuparem na parte mais alta do terreno. A disposição dos blocos de moradia estudantil pode ser explicada tanto pela intenção de envolver e delimitar o setor esportivo, quanto pela preocupação com a privacidade dos quartos (ARINE, 2006).

O espaço interno dos Blocos de Ciências e de Ensino é o que melhor exprime a ideia de unidade pretendida entre os diversos departamentos da universidade. Erguido sobre três linhas de robustos pilares cônicos de concreto, o Bloco de Ensino teria 300 metros de comprimento por 30 metros de largura. Seriam estruturados em concreto armado pretendido de modo vencer vãos de até 60 metros e balanço de 20 metros nas extremidades. O acesso se daria pela parte de baixo, por meio de duas rampas longitudinais de concreto posicionadas entre os pilotis. Por estarem numa cota inferior à da passarela, os pilotis garantem passagem ao estacionamento sem torná-lo visível ao restante do campus. A vedação externa do bloco ficaria a cargo de placas pré-moldadas removíveis com um metro de largura, modulação que rege o dimensio-

namento da estrutura e das subdivisões internas. Salas de aula distribuem-se ao longo das duas fachadas, e estão interligadas pelos corredores longitudinais que as separam dos sanitários e salas administrativas, sem janelas, dispostos no miolo do bloco. Apesar de o clima local recomendar ventilação abundante, as janelas se reduziram a visores quadrangulares de 35 centímetros de lado, espaçados a cada 2 metros ao longo de toda a extensão na fachada. A iluminação viria da cobertura em “sheds”, com por telhas termoacústicas dispostas entre as vigas transversais de concreto.

Seguindo o mesmo padrão construtivo, o Bloco de Ciências também pode ser definido como uma barra unitária de 300 metros de comprimento por 30 metros de largura, mas está assentado sobre o solo e sua estrutura interior é mais complexa. Mais alto, exibe sobre o corredor central um mezanino dedicado a salas de pesquisa, interligadas visualmente às salas de laboratório. Do outro lado, elas se comunicam com as classes, também de pé-direito duplo. A parte inferior do corredor intercala espaços livres, sanitários e caixas de escada que conduzem a uma rua subterrânea de serviços, que percorre o prédio de ponta a ponta. Essa linearidade uniforme no

sentido de caimento do terreno não teria sido possível sem uma escolha criteriosa do local de implantação.

A monumentalidade proposta pelo arquiteto carioca tornou o projeto demasiado oneroso e de difícil execução para a realidade cuiabana da época, resultando no abandono do mesmo, apesar do descontentamento do governador. Segundo Dr. Gabriel Novis Neves, o custo da obra ultrapassaria o orçamento do Estado de Mato Grosso (NEVES, 2017). Ato contínuo, o governador confiou aos arquitetos do Departamento de Obras Públicas de Mato Grosso (DOP/MT) o plano viário do campus universitário, além do projeto das suas primeiras salas didáticas e administrativas.

As Obras Iniciais do Campus

Contrariando a proposta de Niemeyer, Oscar Arine e Armênio Arakelian locaram o acesso principal do campus na parte mais baixa do terreno, voltada para a atual Avenida Fernando Corrêa. Depois de margear o córrego do Barba-do, a avenida de entrada segue em diagonal até uma via central, que conduz à praça cívica quadrangular situada na outra ponta do terreno.



Figura 4 - Oscar Arine e Armênio Arakelian: Bloco Didático da Cidade Universitária de Cuiabá, década de 1970. Atual Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT.

As construções então projetadas por Arine e Arakelian reúnem-se na parte frontal do campus e constituem as edificações mais antigas da atual UFMT, com exceção do centro de treinamento e moradia para professores, na parte oposta do terreno. Hoje conhecido como Casarão abriga uma série de órgãos administrativos.

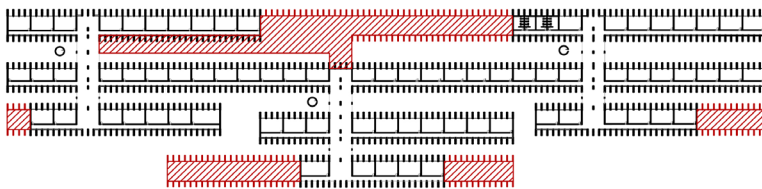
O conjunto de salas de aula (Figura 4) construídas pelo governo do Estado vai na contramão de obras monumentais que se valem do modernismo enquanto linguagem estética, esvaziada de significado para ostentar êxito econômico. A economia e simplicidade no desenho são características bastante positivas. A construção é térrea, e sua linearidade é maximizada pela topografia plana, conferindo ao edifício uma feição completamente horizontal.

O conjunto consiste numa série de blocos lineares térreos paralelos entre si, articulados por jardins externos comuns e passagens transversais. O conjunto é dividido em três módulos iguais, combinados lateralmente. Cada módulo possui três corredores paralelos com comprimentos e espaçamentos distintos, interligados por um corredor perpendicular mais largo igualmente cercados por tijolos vazados, atuando como áreas de convivência para onde se voltam sanitários e salas de uso coletivo. As fileiras de sala de aula são padronizadas e interligadas por um corredor de 2 metros de largura que é ventilado naturalmente pela parede de cobogós cerâmicos que faceiam os jardins internos.

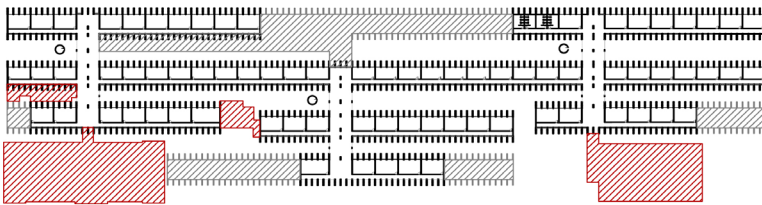
Paredes de alvenaria dispostas à maneira de brises verticais ao longo das fachadas mais extensas sustentam o peso da co-



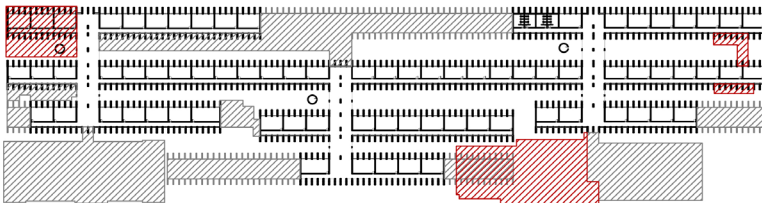
PRIMEIRAS INTERVENÇÕES



INTERVENÇÕES 2000-2005



INTERVENÇÕES 2005-2010



INTERVENÇÕES 2005-2010

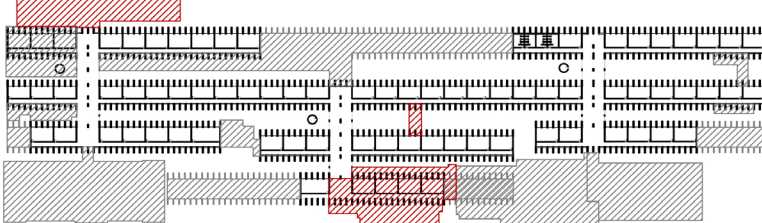


Figura 5 (acima) - Oscar Arine e Armênio Arakelian: Centro Educacional em Cuiabá. Atual Escola Estadual José de Mesquita.

Figura 6 - Bloco Didático da Cidde Universitária de Cuiabá, atual ICHS/UFMT. Histórico de intervenções no projeto original.
Fonte: Desenhos de Ana Frigeri, 2017.

bertura, composta de telhas autoportantes de fibrocimento. Avançadas em relação ao plano vertical das fachadas, essas aletas inclinadas de alvenaria dão uma seção trapezoidal ao corpo do edifício, convertendo suas fachadas num jogo ritmado de luz e sombra onde não se distinguem portas nem janelas. Seria difícil encontrar os pontos de acesso não fossem as orientações fornecidas pelas calçadas externas e pelos os canteiros que preenchem o espaço entre as aletas, cuja vegetação, aliás, representa uma aliada na filtragem da luz solar e um fator de suavização da regularidade geométrica do conjunto. A disposição dos blocos propiciou a criação de pátios internos e a possibilidade de ampliação futura, em caso de aumento da demanda. A solução já havia sido testada com sucesso pelo DOP na escola estadual hoje denominada José de Mesquita (Figura 5), em Cuiabá.

Os blocos sofreram diversas modificações ao longo do tempo (Figura 6), como a adição de blocos independentes, prolongamento dos corredores, demolição de trechos do edifício, e acréscimo de blocos mimetizando os originais. A descaracterização dificultou grandemente o trabalho de identificação do edifício inicial.

Sobre uma praça plana retangular cercada de taludes, o parque aquático (Figura 7) projetado pelo arquiteto campo-grandense Avedis Balabanian divide espaço com o Restaurante Universitário concebido por Arine e Arakelian, localizado na extremidade mais privilegiada visualmente.

O parque caracteriza-se de uma única piscina com duas partes: uma piscina olímpica retangular (Figura 8) e uma parte mais funda para saltos de trampolim. O conjunto em concreto aparente contém duas arquibancadas, dois trampolins e dois pequenos núcleos de depósitos e salas administrativas que se destacam pelas lajes moduladas curvas, sendo um destes construído posteriormente, na década de 1980.

O trampolim mais alto é um volume prismático em cujas laterais apoiam as placas para salto, em três alturas diferentes, e um patamar de circulação, na parte inferior. Situa-se na peça mais funda da piscina. O trampolim mais baixo fica defronte à porção olímpica da piscina. Trata-se de um pilar inclinado ao longo do qual degraus levam a três patamares de salto.

As arquibancadas possuem empenas poligonais que apoiam as lâminas hori-

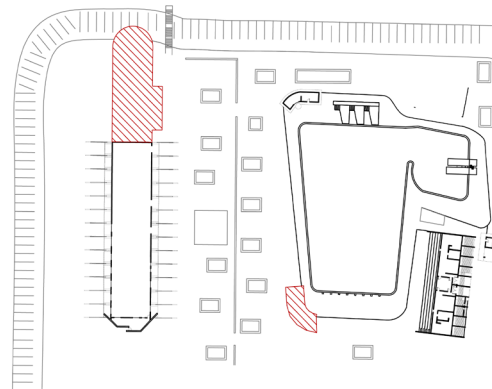


Figura 7 - Planta do parque aquático (Avedis Balabanian) e do antigo restaurante (Oscar Arine e Armênio Arakelian) da UFMT, 1970. Fonte: Desenho de Ana Frigeri, 2017.



Figura 8 - Antigo restaurante da UFMT, 1970. Atual Museu Rondon. Parque aquático em primeiro plano. Fonte: Secomm/UFMT.



Figura 9 - Oscar Arine e Armênio Arakelian, antigo Restaurante Universitário. Fonte: Ricardo Castor, 2007.

zontais dos assentos. Na parte posterior, placas de concreto horizontais preenchem os vãos das empenas do topo até pouco mais de dois metros do solo. Sob a arquibancada maior, estão os vestiários, sob a menor, as bombas da piscina. As empenas inclinadas avançadas a título de quebra-sóis, tem seu parentesco formal com o desenho anguloso dos pórticos que envolvem o restaurante.

O projeto do Restaurante Universitário (Figura 9) leva às últimas consequências estéticas o recurso dos pórticos pronunciados à maneira de brises verticais. A planta livre do restaurante resulta de um expressivo exoesqueleto, constituído de 14 pórticos paralelos de concreto afastados 4 metros entre si. As telhas de

fibrocimento modelo Canaleta (Eternit), apoiam-se diretamente nas vigas-calhas de concreto que cortam transversalmente o espaço retangular do salão, transferindo os esforços (e as águas pluviais) para pontos de apoio trapezoidais que se repetem nas duas fachadas maiores. Além de remeterem à arquitetura do parque aquático, os pilares do restaurante guardam relação formal com as fachadas dos blocos didáticos vizinhos, projetados pelos mesmos arquitetos. As aletas de concreto podem ser interpretadas como uma versão invertida das paredes inclinadas que sustentam a cobertura das salas de aula, como bem notou Sanches (2000).

A relação com a praça ao lado é de mútua permeabilidade. Não há portas entre a praça e o local de entrada dos alunos, junto à bancada que delimita a cozinha. A cobertura é interrompida para dar passagem às árvores previstas nos dois canteiros que qualificam essa “praça” interna. De posse de suas bandejas, os alunos caminharão até o salão de refeição através de um corredor, para o qual se voltam os sanitários e as duas salas administrativas.

O salão de refeições possui apenas 12 metros de largura por 32 metros de comprimento, mas parece maior graças à visão desimpedida proporcionada pela solução estrutural. O efeito de amplidão foi favorecido, ainda, pela transparência das vidraças que integram o salão ao parque aquático, de um lado, e à paisagem urbana, de outro. As duas fachadas menores são cercadas por alvenarias de pedra cristal, que atingem 2 metros de altura nos fundos da cozinha, onde definem uma entrada exclusiva para funcionários. A mureta mais baixa do lado oposto, envidraçada, cerca uma pequena área externa de repouso interligada ao restaurante, e estabelece uma ligação interessante com a base dos canteiros retangulares da praça vizinha, confeccionados no mesmo material. A rusticidade

dessas paredes laterais contrasta, tanto com a leveza dos painéis envidraçados, quanto com a delicadeza e precisão das peças estruturais de concreto.

Um parque aquático com restaurante idêntico havia sido construído meses antes no campus de Campo Grande. Mas o local de implantação, às margens do lago, conferiu-lhe menos visibilidade do que no terreno cuiabano, uma plataforma elevada na entrada do campus. Essa posição de destaque deve ter contribuído para converter o pórtico desenhado por Arine e Arakelian numa das imagens mais emblemáticas da universidade. Parte das alterações sofridas pelo projeto original deve-se às especificidades de sua atual função: sede do Museu Rondon, instituição dedicada à pesquisa e divulgação da cultura indígena.

A ideia de atrair investimentos federais no ensino superior está na origem da cidade universitária de Cuiabá. Esse intento efetivou-se com a conversão da cidade universitária de Cuiabá na Universidade Federal de Mato Grosso, em dezembro de 1970, e a subsequente ampliação da sua estrutura física.

Conclusões

Das análises empreendidas depreende-se, em primeiro lugar, a considerável uniformidade na linguagem arquitetônica empregada nos primeiros edifícios da UFMT. Em termos espaciais e construtivos, verificou-se clara filiação aos postulados do chamado brutalismo paulista, vertente da arquitetura moderna brasileira muito associada ao trabalho de Vilanova Artigas e ao curso de arquitetura que ele ajudou a reformular, em princípio dos anos 1960, na Universidade de São Paulo. Egressos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, os arquitetos Oscar Arine, Armênio Arakelian e Avedis Balabanian destacaram-se pelo uso ostensivo do concreto aparente, pelas estruturas porticadas, aproveitamento desses elementos como anteparo solar, coberturas planas de concreto, amplos espaços internos e externos de socialização, entre outros estilemas da mencionada corrente paulista. Optaram, no entanto, por soluções nem sempre empregadas pelos seus mestres daquela “escola”, como telhas e cobogós cerâmicos, telhados com beiral, estruturas portantes de tijolos cerâmicos, como se vê, por exemplo, no primeiro conjunto de salas de aula do campus e na Escola Estadual José Bar-

nabé de Mesquita. Embora a estrutura porticada, com pilares pronunciados a título de brise soleil, seja parte indissociável do repertório então “importado”, a insistência de seu emprego nos prédios da UFMT e nas demais obras oficiais do governo Pedrossian não deixam de traduzir uma preocupação com a inclemência do verão mato-grossense. O fato de terem perdido a batalha contra o calor não invalida essa tese. Mesmo quando convenientemente posicionados, como no Restaurante Universitário de Campo Grande, os anteparos estruturais raramente lograram, por si só, prover conforto térmico aos espaços interiores, castigados, via de regra, por ventilação insuficiente, pés-direitos baixos e por materiais com baixo desempenho térmico, como o concreto e o vidro.

O segundo ponto a se destacar refere-se ao pioneirismo exercido pelos arquitetos Oscar Arine, Armênio Arakelian e Avedis Balabanian, responsáveis pela implantação do campus da UFMT e numerosas outras obras referenciais na história da arquitetura mato-grossense. Pôde-se concluir que o patrimônio arquitetônico em estudo representa um testemunho eloquente das tensões inerentes ao processo de difusão da arquitetura moderna brasileira pelo interior

brasileiro durante os anos 1960 e 1970. Já ficou demonstrado que, devido justamente essas tensões entre os condicionantes locais e os princípios gerais da linguagem empregada, essa difusão significou também diversificação de soluções e repertório (SEGAWA, 1999). Nas obras em estudo, esse fenômeno esteve relacionado, como se viu, a fatores climáticos, a restrições orçamentárias e, em menor medida, à indisponibilidade de mão-de-obra especializada e materiais industrializados.

Evidentemente, não existe relação direta entre a qualidade arquitetônica das obras e o grau de restrições incidentes sobre o projeto ou a execução. Em outras palavras, condicionantes como limitações de orçamento ou de prazo de construção não redundaram, necessariamente, em deficiências projetuais. Os exemplos colhidos apontam, aliás, na direção contrária. Os projetos mais felizes em termos de originalidade e coerência construtiva parecem ter resultado, precisamente, de condicionantes adversas derivadas do isolamento geográfico e carestia de recursos. Pense-se na econômica delicadeza dos ginásios projetados por Motoi Tsubouchi no distrito de Anastácio e em outras remotas localidades do interior. O já menciona-

do bloco de salas de aula da UFMT também pode ser tomado como exemplo de arquitetura tão surpreendente em sua sóbria dignidade, quanto modesta em seus custos de execução.

A pesquisa chamou atenção para um aspecto curioso não só da cidade universitária de Cuiabá, mas da arquitetura moderna mato-grossense como um todo: frequente duplicidade de obras, isto é, a replicação imprevista de projetos concebidos originalmente para um terreno específico. Da escola projetada por Oscar Niemeyer para Corumbá (posteriormente replicada em Campo Grande) aos restaurantes idênticos das universidades de Cuiabá e Campo Grande, passando pelas semelhanças entre as salas de aula do ICHS/UFMT e do Colégio José B. de Mesquita, em Cuiabá, avolumam-se os casos de padronização forçada de obras que se pretendiam únicas. Seria apenas uma curiosidade histórica, não os fossem os prejuízos advindos das inevitáveis incompatibilidades ao novo demanda, contexto e terreno, notadamente no que tange à orientação solar. Esse histórico de replicações, nem sempre malsucedida (ginásios construídos na gestão Pedrossian), faz lembrar da importância da flexibilidade, da modulação, da tipi-

ficação e da pré-fabricação em projetos públicos como dessa natureza. É de se concluir que a opção pelo reaproveitamento desses projetos deve-se, até certo ponto, à observância de ao menos dois desses fundamentos: a modulação e a flexibilidade interna.

Todas as considerações acima concorrem para sustentar a importância histórica e arquitetônica dos edifícios aqui estudados como testemunhos de um capítulo crucial da história cultural de Mato Grosso. Apesar de relativamente recentes, se comparados a seus predecessores coloniais e ecléticos, essas obras estão entre as mais significativas do patrimônio edificado da UFMT, de

Cuiabá e dos dois Matos Grossos. É lamentável, portanto, que tenham sido tão descaracterizados ao longo das últimas décadas, com exceção apenas do Parque Aquático. Pode-se argumentar que parte das intervenções tenham sido motivadas pela incapacidade dos projetos de adaptar-se à nova realidade das instituições que abrigam, mas o caráter descuidado, quando não aberrante, das ampliações não deixam dúvidas: faltou aos gestores do campus a consciência - que esta pesquisa espera contribuir para despertar - de que a UFMT deve ter uma face voltada para o futuro e outra para o passado.

Referências

- ARINE, Oscar. *Oscar Arine: depoimento [2006]*. Entrevistadores: Ricardo Castor e Hugo Segawa. Valinhos, SP.
- ARRUDA, Ângelo M. V. *História da arquitetura de Mato Grosso do Sul: origens e trajetórias*. Campo Grande: A. M. V. Arruda, 2009.
- _____. *Pioneiros da arquitetura e da construção em Campo Grande*. Campo Grande: Uniderp: IHGMS, 2002.
- ARRUDA, Ângelo M. V. D.; MARAGNO, Gogliardo. V.; COSTA, M. S. S. *Arquitetura em Campo Grande*. Campo Grande: UNIDERP, 1999.
- CASTOR, Ricardo. *Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- FALCÃO, Lorenzo. *MEC Quarentão*. Tyrannus Melancholicus. 2014. Disponível em <<http://www.tyrannusmelancholicus.com.br/conteudo.php?sid=310&cid=4320>> Acesso em: 20 jan. 2017.
- FIGUEIREDO, Aline. *Arte aqui é mato*. Cuiabá: EdUFMT, 1990.
- FIGUEIREDO, Aline; ESPÍNDOLA, Humberto (Colab.); MEDEIROS, Carlos Alberto Marques (Colab.). *Artes plásticas no Centro-Oeste*. Cuiabá: EdUFMT, 1979.
- FILS, Alexander (Org.). *Oscar Niemeyer: selbstdarstellung, kritiken, oeuvre*. Münsterschwarzach: Frölich und Kaufmann, 1982
- FREIRE, Júlio De Lamônica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- MATO GROSSO (Estado). *Mato Grosso, um salto no tempo*. Álbum especial do governo Pedro Pedrossian. Edição de Carlos Rodrigues. [S.l.]: C. R. Editora, 1971.
- NEVES, Gabriel Novis. *Gabriel Novis Neves: depoimento* [jan. 2017]. Entrevistadores: Maria Bárbara. Guimarães, Ana Frigeri e Ricardo Castor. Cuiabá: UFMT, 2017. Arquivo digital.
- PEDROSSIAN, Pedro. *O pescador de sonhos: memórias*. Campo Grande: IHGMS, 2006.
- SANCHES, M. J. Cidade Universitária: Universidade Federal de Mato Grosso. In: SANCHES, M. J. *Arquitetar o amanhã: desígnios cuiabanos*. Cuiabá: [s.n.], 2000. p. 227-246.
- SANTANA, Arthur Bernardy. In: *Simpósio Nacional de História, 25.*, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética. Fortaleza: Anpuh, 2009. CD-ROM
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- _____. *Dossiê interior: arquiteturas realizadas fora dos grandes centros*. Projeto, São Paulo, n. 135, p. 49-78, out. 1990.
- SIQUEIRA, E. M.; DOURADO, N. S.; RIBEIRO, R. S. (Org.). *Universidade Federal de Mato Grosso: 40 anos de história (1970-2010)*. Cuiabá: EdUFMT, 2011. CD-ROM.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Aspectos históricos do Ensino Superior em Mato Grosso*. Disponível em: <sbhe.org.br>. Acesso em: 01 mai. 2016.